

VOZES em defesa da fé

CADERNO

47

**“Eu sou
Sacerdote
Católico”**



EDITORA VOZES LTDA.

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 47

**“Eu sou Sacerdote
Católico”**



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1964

Alguns pensamentos sobre os sacerdotes

Sou sacerdote — sacerdote católico — ou, se você assim o deseja, sou sacerdote católico-romano.

Sou sacerdote no presente ano de Nosso Senhor, quando, para muita gente, ser sacerdote é coisa fora do comum e diferente... enquanto que, para outros, é coisa inteiramente fora de propósito.

Trajo-me diferentemente dos outros profissionais. Não me caso e, embora muita gente me chame "Padre" ou pai, não tenho filhos. Sou um diplomado colegial com graus universitários. Todavia, pelas normas das outras chamadas profissões "liberais", o meu ganho é muito baixo, assombrosamente baixo, se eu lhe dissesse o que ganham os sacerdotes.

Trabalho durante a semana dura e firmemente. Pouquíssimo do meu tempo é meu mesmo, porque as pessoas vêm a mim quando desejam, e porque é provável ser eu chamado para fora da cama no meio de qualquer noite: alguém doente no hospital, um acidente na rua, uma morte súbita ameaçando um ente caro numa família, etc.

Se você não é católico, provavelmente tem encontrado, ou pe-



lo menos tem visto, um sacerdote católico uma vez ou outra. Bing Crosby representou um sacerdote típico em dois filmes de alto sucesso. Você pode ver-me nas arquibancadas num jogo de bola. Jogo "golf" quando posso ter algumas horas de folga. E, se você prestou serviço no Exército ou na Armada ou na Aeronáutica, poderá ter tido um capelão que era sacerdote como eu.

Os não-católicos dizem-me que eu pareço diferente... e o sou.

Sou o herdeiro de um ofício que remonta a Cristo. Você olhará até muito para trás na história humana para achar uma geração ou uma nação sem sacerdotes. Mesmo se você remontar a além do tempo de Cristo, achará sacerdotes. Somente quando você vem a tempos muito modernos é que acha pessoas, e mesmo cristãos, que tentam servir a Deus sem sacerdotes.

Uma profunda intuição humana tanto como uma antiga revelação divina é que faz o povo sentir a necessidade de sacerdotes. O povo sente que, se ele tem um profissional para zelar e para cuidar da sua saúde, e um

profissional para advogar a sua causa num tribunal, e profissionais para os ensinar e a seus filhos, e profissionais para se ocupar das notícias do mundo, e profissionais para serem adestrados para governo, ele também necessita de um profissional que saiba como servir a Deus com sua vida toda e ajudá-lo a salvar a sua alma.

Quer cressem no Deus verdadeiro quer cressem em falsos deuses, os homens sempre sentiram a necessidade de escolher alguns dentre si para serem sacerdotes. "E' vossa única tarefa adorar a Deus. E' vossa única tarefa guiarnos no culto e ver que tenhamos aquilo de que precisamos para o nosso bem espiritual". Assim, em todas as épocas da história, certos homens eram selecionados; vestiam-se diferentemente do resto das pessoas; dedicavam a sua atividade inteira a honrar a Deus pelo povo e a representar o povo perante Deus.

Embora o meu ofício seja o de sacerdote católico, contudo eu sou um homem escolhido dentre os homens. Conheço a minha fraqueza, as minhas falhas e limitações. Posso não ter uma inclinação melhor do que a de você que me lê. Aos olhos de Deus você pode ser mais santo do que eu. Pode ter tido uma educação melhor do que a que eu tive. Todavia, se você é um médico que leva saúde às pessoas, eu sou um sacerdote cuja tarefa é levar às pessoas Deus e a sua graça. Se você advoga, como causídico, em favor dos seus clientes, as pes-

soas são minhas clientes e eu advogo em favor delas na oração e no altar, perante o nosso divino Juiz. Pode você ser um perito engenheiro que constrói grandes pontes; eu sou como que um perito que mantém em reparo a ponte entre o tempo e a eternidade, de modo que você e outros sejam ajudados a passar, em segurança, da terra ao céu. Pode você ser um professor de astronomia; eu sou um professor que vai além das estrêlas, para achar e ensinar a verdade do Deus eterno. O seu negócio pode ser aço ou automóveis ou trigo ou carne; o meu negócio é daqueles que Cristo chamou "os negócios de meu Pai", e é negócio altamente importante para você.

Destarte, como sacerdote, eu tenho uma especialidade altamente importante, a saber: Deus, a sua verdade e a salvação das almas humanas.

A isso, e só a isso, devo dedicar todo o meu tempo.

Incidentemente posso parecer fazer muitas outras coisas. Como sacerdote, posso ser professor, redator, construtor, reitor de uma igreja e de dependências anexas, capelão de um hospital obreiro social, diretor de um acampamento de rapazes, locutor de rádio, personalidade na TV, alguma coisa de financista de psicólogo, ou um homem de relações públicas. Estas e uma centena de outras funções podem caber-me, mas todas elas estão subordinadas a duas coisas:

Devo trabalhar para levar o homem a Deus.

Devo dirigir tôdas as minhas energias a trazer Deus aos homens.

Devo amar e servir a Deus todo o meu tempo.

Devo amar os homens com simplicidade e devotamento, desinteressadamente, e sem qualquer cogitação de ganho pessoal. Os homens são a minha família, e se me chamam "Padre" ou pai, no meu coração, seja eu mouro ou seja velho, considero-os como meus filhos.

Conforme S. Paulo disse, com funda emoção, aos Coríntios (1 Cor 4, 15), "em Cristo Jesus, pelo Evangelho, eu vos gerei".

Como sacerdote católico, sinto-me perto dos sacerdotes judeus da Antiga Lei. O sacerdócio judeu vive em mim; Jesus Cristo, que veio, não destruir a Lei, mas cumpri-la, não suprimiu o sacerdócio judeu. Aperfeiçoou-o em Si mesmo, como S. Paulo torna claro na sua Carta aos Hebreus. E, na Última Ceia, delegou o seu sacerdócio aos seus Apóstolos e a todos os sucessores dêstes, geração após geração, até mim.

Quando foi que eu pensei em me fazer sacerdote?

Muito cedo, em verdade. Então o mundo adolescente se estreitava à volta de mim, e eu pensava em muitas outras profissões: o direito, a medicina, a publicidade, e até o teatro. Mas, afinal, alguma coisa dentro de mim me disse: "Dai a vossa vida toda a Deus. Que profissão

poderia igualar a profissão que serve a Deus e ao povo? Tôdas as coisas passam, exceto Deus e as almas imortais do seu povo. Este é vosso trabalho na vida". Eu tinha conhecido sacerdotes e os admirava. Assim, conversei com vários deles. Eles acharam que eu tinha educação e inteligência suficientes para empreender os duros estudos que preparam um sacerdote para os seus deveres profissionais. Eu tinha saúde suficiente para aspirar a "carregar minha cruz todos os dias e segui-lo", a Cristo. E um Bispo foi bastante bom para dizer que me aceitaria nas fileiras do sacerdócio numa das muitas obras que compunham a sua diocese. Ademais, eu queria salvar a minha alma e ajudar os outros a salvarem as suas. Queria amar a Deus com todo o meu coração e alma e mente e força.

Talvez eu tenha sido demasiadamente ambicioso.

Talvez, como sacerdote, eu tenha faltado muito ao meu caráter sacerdotal.

Mas tem sido uma vida admirável, e eu não a trocava por qualquer outra vida que aos homens seja dado viverem.

Tornemos muito clara uma coisa: ninguém me forçou ou me compeliu de qualquer modo. Eu é que falei a um sacerdote sobre o sacerdócio, antes que me falasse um sacerdote. Minha mãe ficou feliz quando eu lhe disse das minhas intenções; mas, embora ela rezasse para ter um fi-

lho sacerdote, nunca me tinha dito que o fazia.

Durante os longos anos de preparação para o sacerdócio, as portas do Seminário se abriam para ambos os lados. A qualquer tempo eu poderia ter arrumado minhas malas e, com um adeus aos meus professores e colegas, ter voltado à minha vida antiga. Tudo o que era ou seria esperado de mim era-me explicado em detalhe. Nada era secreto ou oculto. Nenhuma surpresa me adveio após a Ordenação, exceto a surpresa que é constante — a de como é agradável servir ao Senhor.

Meu pai esperava que eu lhe seguisse as pegadas, pois a tra-

dição da nossa família era o negócio e o direito. Embora êle fôsse um convertido à Igreja Católica de apenas pouco tempo, quando eu deixei o lar êle me apertou a mão e disse: "Se Deus quer você e você quer Deus, vá adiante e seja sacerdote. Mas, por todos os meios, seja um bom sacerdote".

Assim, Deus foi generoso e eu vim a ser sacerdote.

Com singela honestidade, sinto-me incrivelmente feliz. Sou feliz de repartir minha vida com os outros homens. Por isto acho fácil falar do que significa ser sacerdote.

Eles não gostam de padres

Duas classes de pessoas usualmente desprezam os sacerdotes:

Um grupo diz: "O ignorante faz doidices. Ninguém, a não ser pessoa estúpida, sem educação, poderia ser padre".

Outro grupo diz: "Como êsses padres são espertos e labiosos! Eles foram bem treinados para burlar o povo. Foram educados para mentiras e para a técnica de enganar".

Ambos êsses grupos faltam consideravelmente à verdade.

Deixe-me dizer-lhe algo sobre a minha educação como padre, e você poderá julgar por si mesmo.

Passei os dois primeiros anos da minha vida escolar em escolas públicas. Porém meus pais sentiram que eu deveria igualmente ter educação religiosa, aprender como servir a Deus e salvar a minha alma, paralelamente à minha educação sobre como cuidar do meu corpo e prover a minha mente da instrução de que eu precisava para a vida e para fazer uma vida.

Por isto fui para uma escola católica dirigida por Freiras, uma das quais francamente rezava para que algum dia eu fôsse pa-



dre. Porém ela nunca me deu a conhecer a sua esperança ou as suas preces enquanto eu finalmente não me fiz sacerdote. O seu amor a Deus e a sua profunda dedicação a nós pequenos fizeram-me um menino melhor, e, naturalmente, e com o auxílio de Deus, de bons meninos saem bons sacerdotes.

Na escola secundária, fui escolhido pelos Irmãos da Doutrina Cristã. Depois acabei o meu preparo colegial num pequeno colégio católico que, desde o meu tempo, se tornou uma grande e influente universidade católica. Embora eu sentisse inclinação para o sacerdócio durante os meus primeiros anos na escola, essa inclinação me abandonou durante o meu tempo de colégio; e eu deixei o colégio todo preparado para iniciar o estudo de Direito.

Mas foi então que Deus pareceu dizer-me: "Não gostarias de, em vez disso, seguires o meu caminho?" E foi um chamado tão distinto, que, com um breve aviso a todos, arrumei-me e fui para um Seminário.

Os seminários são lugares inteiramente únicos. Duvido de que você pudesse jamais pôr um dê-

les numa novela, ou contar a história dêles numa tela. Tem-se tentado fazê-lo, mas os sacerdotes, que conhecem os Seminários desde os seus felizes dias passados nêles, sacodem a cabeça e sorriem dizendo: "Você deve passar por um Seminário antes de poder realmente apreender-lhe o espírito".

Pois bem: o espírito de um Seminário pode ser difícil de descrever, mas é sentido de modo inequívoco.

Havia uns 300 rapazes no meu Seminário, jovens normais que gostavam de esportes, que falavam alto e riam vigorosamente, que eram tesoureiros em constante "deficit", que tinham os mesmos arrebatamentos dos jovens de toda parte, mas que tinham ao mesmo tempo uma estranha e surpreendente profundidade de caráter e apêgo a ideais.

Tinham vindo de quase todas as condições de vida. Alguns eram de famílias pobres, e alguns de famílias abastadas. Havia lá todos os matizes nacionais de raça e de ascendência. Havia poucos estúpidos, se os havia, pois êstes, educacionalmente, já haviam saído fora do caminho antes de atingirem as portas do Seminário. Havia rapazes de real talento, e havia-os "curtos"; rapazes com línguas de ouro e outros que mal falavam; havia-os com inteligência pronta e havia-os com intelecto lento mas profundo.

Trezentos homens vivendo juntos não podem deixar de pôr à prova, naturalmente, o caráter e

a disposição de cada um. Alguns pulavam fora quase imediatamente, e alguns paravam justamente antes de atingirem a Ordenação. Tinham querido ser sacerdotes, porém por várias razões decidiam que aquela vida não era para si; ou súbitamente se capacitavam de estarem em lugar errado. Ninguém pensava mal dêles quando êles davam os seus alegres ou saudosos adeuses.

Todo jovem naquele lugar atendia aos seus deveres pessoais como o fazem os Cadetes de uma Escola Militar ou Naval. Cada um cuidava do seu quarto, fazia a sua cama, e ajudava a servir a mesa. Nós não tínhamos empregados, e por isto servíamos uns aos outros.

O espírito do lugar era calmo e amistoso, de coleguismo e de simpatia. Nós gostávamos francamente dos nossos companheiros, e, embora houvesse uns de quem eu gostava mais do que de outros, e mesmo alguns que me punham os nervos a fio, nós nos mantínhamos no espírito de "toma lá, dá cá". Estávamos todos possuídos dos mesmos propósitos. Tínhamos vindo porque queríamos servir a Deus e ao nosso próximo — e o Seminário esperava que nós empreendêssemos ambas as tarefas direito.

A nossa faculdade era digna de ser conhecida e vista. Nós gostávamos dos nossos professores. Eu exageraria se dissesse que todos êles eram professores excelentes, mas onde é que qualquer estudante acha uma faculdade completa de homens de ta-

lento e inspiradores de entusiasmo? Eles eram eruditos, muitos deles com diplomas de Roma, Lovaina e outras grandes universidades da América ou da Europa. Se nós não chegássemos com uma profunda base em latim ou em grego, obtínhamos-la imediatamente. Todos nós tínhamos de ter o nosso preparo em literatura, história secular e ciências antes de chegarmos ao Seminário. Eu obtivera o meu no colégio. Muitos colegas meus tinham ido para um Seminário preparatório, uma secção de escola secundária e de colégio onde são ministrados cursos de escola secundária e de colégio. Mas todos nós fazíamos juntos seis anos de estudos profissionais que levavam ao sacerdócio.

Podem alguns perguntar-se: Que é que um padre católico estuda no Seminário? Antes de tudo e além de tudo, estuda a sua própria alma, a lei de Deus, e os mandamentos e conselhos de Cristo. No fim de seis anos é de supor que êle tenha saído, tanto quanto possível, refeito segundo o modelo de Cristo.

Levanta-se às seis horas da manhã, leva meia hora em oração vocal e outra meia hora em meditação pessoal. Vai à Missa e recebe o Senhor na Sagrada Comunhão. Durante o dia, lê os grandes livros sobre a prática cristã e sobre a plena vida cristã. São-lhe proporcionados guias espirituais, e espera-se que êle vá ao Sacramento da Confissão uma vez por semana.

Durante o dia, a sinêta chama-o à capela, onde êle crê firmemente que Cristo habita no altar, para lhe iluminar a mente e lhe inspirar e fortalecer a vontade com a graça que só mesmo êle, Cristo, pode dar. Cada aula principia com orações, cada refeição igualmente com oração; e o dia finda com todos de joelhos na capela oferecendo a Deus a messe do saber e da experiência colhida no dia, e o descanso e a paz da noite.

Os seus estudos, desde o começo, são severos e exigentes.

Três anos inteiros são consagrados ao estudo da filosofia e das ciências naturais. Ele estuda o pensamento dos grandes pensadores do mundo; adentra a sua mente para conhecer o mundo volta de si, e para lhe compreender o significado, a organização, e as leis que governam sua precisa operação.

Depois vêm os quatro anos inteiros de estudos sacerdotais essenciais.

Aí o estudo maior é a teologia. Este é o estudo da palavra de Deus como achada nas Escrituras, com as interpretações a ela dadas pelos maiores sábios e mestres na longa história da Igreja; é a história do ensino cristão desde os primeiros tempos até o presente dia, baseada no plano sistemático e científico traçado por um dos maiores sábios do mundo, Tomás de Aquino.

Ninguém que não tenha estudado teologia faz qualquer idéia do seu vasto escopo e do seu alcance científico. Ela é o resulta-

do líquido de gerações de grandes pensadores cristãos. Dentro dela foi vertido o que há de melhor na cultura antiga, a nata do pensamento cristão e as constantes descobertas da ciência moderna, da filosofia e dos achados históricos e arqueológicos.

O jovem seminarista é preparado para guiar a vida espiritual das pessoas mediante o estudo das leis e práticas da vida espiritual, mediante o estudo da psicologia e da arte do viver cristão, que, de acôrdo com as suas aptidões naturais, o aparelha para assistir as pessoas nos seus ideais e problemas.

E' -lhe fornecida uma sólida base em todos os ramos do estudo das Escrituras. Ele é familiarizado com autores que atacaram o Cristianismo e a Fé Católica. E' dado ouvido àqueles a quem as histórias da Igreja chamam hereges e cismáticos; é -lhes dada "chance" de apresentarem o seu caso, e a fôrça dos seus argumentos e provas é cuidadosamente medida.

O curso de estudos no Seminário inclui assuntos que se alinham desde a língua hebraica até à psicologia moderna, desde a direção de uma igreja até à eloquência sacra, desde as línguas modernas até à história da religião. Ao seminarista é proporcionado rigoroso treinamento, quatro a cinco horas de aula por

dia, e, nos intervalos, longos períodos de estudo na biblioteca ou no seu quarto particular.

O feriado semanal e os dias livres extraordinários acham o seminarista nos jogos de ténis, de "baseball", de "basketball", de "foot-ball", etc., ou fazendo piqueniques com seus colegas, explorando os arredores do Seminário em longos passeios, visitando hospitais da vizinhança, ou ensinando religião a gente de condição humilde.

Posso usar graus após o meu nome, graus acadêmicos, mas nunca os uso. Porque aos meus anos de colégio acrescentei os sete anos inteiros de instrução no Seminário, e acabei como um hábil especialista no meu terreno.

Como muitos dos meus colegas, estudei em universidades para obter mais outros graus, procurando obter tudo quanto pudesse ajudar-me a ser mais eficiente no terreno particular em que eu viesse a servir a Deus e aos meus semelhantes.

Porém o grau mais admirável que eu posso escrever após o meu nome, escrevi-o quando haviam passado os meus dias de Seminário. Naquele momento fui autorizado a assinar-me, como eu tanto desejava — sacerdote católico. A meu ver, êsse é o "grau" mais belo que qualquer homem possa pretender.

"Assim me fiz sacerdote"

Nenhum sacerdote escreveu jamais um relato realmente bom da sua Ordenação.

Muitos autores têm tentado descrever o que um jovem sacerdote sente no dia em que é ordenado, porém as suas histórias são inadequadas, incompletas, superficiais.

O Dia da Ordenação deve ser escrito com letras maiúsculas. É um dia diferente de todos os outros dias da vida. Dias longos, felizes e expectantes fizeram chegar a êle. O moço estudou séria e duramente. Sua mãe e seu pai rezaram por êle e com êle. Ele fez sacrifícios para atingir essa meta. Agora o altar está diante dêle, e êle repete as palavras do belo Salmo de David: "Subirei ao altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude".

Na sua preparação para êsse grande dia, o jovem seminarista recebeu aquilo que é chamado as Ordens Menores. Ele também foi feito primeiramente Subdiácono, depois Diácono — ofício êste que muitas vêzes é mencionado na Igreja primitiva e nas Escrituras.



Finalmente raia a manhã em que êle vai ser feito sacerdote.

O cerimonial para a Ordenação dos sacerdotes remonta às sombras das catacumbas e a mais além. Os Atos dos Apóstolos falam da Ordenação de jovens sacerdotes; dizem como os Apóstolos colocavam as mãos sôbre as ca-

beças dos seus sucessores, ajoelhados diante dêles; como invocavam o Espírito Santo para lhes encher as almas de poder e de forças, e os comissionavam como oficiais no exército do Senhor, e os enviavam a pelejar em favor do reino de Deus.

Enquanto não é feito Subdiácono, o moço é completamente livre de deixar o Seminário e de voltar à sua vida antiga. Mesmo quando êle se aproxima do passo final, o Bispo lhe pergunta se vem livremente. Deve êle responder com um "Estou presente e pronto" completamente voluntário.

Na iminência da sua Ordenação, não é coisa extraordinária alguns dos futuros sacerdotes desistirem. Um pode fugir às pesadas responsabilidades do ofício sacerdotal, outro pode sentir-se

indigno, enquanto outro poderia com toda franqueza confessar estar convencido de quanto seria difícil para ele, dia após dia, suportar o jugo de Cristo e carregar a sua cruz. Quando esta decisão é tomada, o moço deixa o Seminário com plena permissão das autoridades dêste, e também do seu Bispo. Deixa-o sem censura e com a esperança de levar uma vida cristã influente em alguma outra profissão.

Com a Ordenação, entretanto, um homem ingressa numa carreira para toda a vida. Uma vez ordenado, ele pertence para sempre a Deus, a serviço do povo.

Como Cristo diz, ele põs a mão à charrua e não deve voltar-se para trás. E' sacerdote eternamente.

Lembro-me da minha Ordenação com profunda alegria e gratidão. A bela igreja estava cheia de amigos, mas principalmente de parentes, dos trinta moços ordenados comigo.

Minha mãe e meu pai e meu irmão tinham vindo ver como seria. Eu tinha jantado calma e tranqüilamente com eles na véspera daquilo que eles sabiam que ia ser o maior acontecimento da minha vida.

Na manhã da Ordenação, num aposento contíguo ao corpo principal da igreja, revesti os paramentos do sacerdócio. A comprida túnica branca era tão antiga como a toga romana, e como as vestes brancas usadas pelos sacerdotes judeus da Antiga Lei. Embora muitos pensassem que eu estava perdendo a minha vida em me fazer sacerdote, eu sentia que

estava pondo sobre Cristo, como S. Paulo nos pede fazermos, e tomando sobre mim mesmo, a bela vida de trabalho de um dos sacerdotes de Cristo.

O Bispo, já idoso, que me ordenou estava esperando no santuário da igreja diante do altar, cercado de sacerdotes que me haviam ensinado no Seminário. Esses sacerdotes ali estavam como amigos e animadores. Dentro em pouco eles poriam as suas mãos sacerdotais sobre a minha cabeça, para simbolizar a longa cadeia de ligação pela qual todos os sacerdotes são ligados até a Cristo na Última Ceia, e até mesmo aos sacerdotes judeus da Lei Antiga. Além disto, eles observavam cada detalhe da cerimônia, para que cada coisa fosse feita com perfeita exatidão.

Porquanto, desde Cristo, em linha reta até o nosso grupo, através das mãos de vinte séculos de sacerdotes, o poder delegado de Cristo estava para vir até mim. "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi", disse Cristo. Eu não me estava atribuindo isso; S. Paulo prevenira contra tal arrogância. Eu estava humildemente ajoelhado para receber o poder que, numa onda ininterrupta, passara, através de 1900 anos de sacerdotes, desde os Apóstolos até à minha classe de moços que estavam sendo ordenados.

A ordenação em si mesma é uma bela cerimônia.

Mesmo dramaticamente, você pode sentir o significado da ação à medida que esta se desenvolve.

Ajoelhamo-nos num semicirculo em torno do altar. Os acontecimentos sobrevinham rapidamente uns aos outros.

Primeiramente veio a inquirição quanto à nossa dignidade. O assistente do Bispo ordenador pediu, em nome da Igreja, que fôssemos ordenados para a função do sacerdócio. O Bispo perguntou: "Sabeis que eles são dignos?"

O assistente respondeu: "Tanto quanto permite saber a fragilidade humana, sei e testifico que eles são dignos do encargo desse officio".

Então o Bispo dirigiu-se ao clero e ao povo ali reunidos: "Amados irmãos, tanto o comandante de um navio como os passageiros estão na mesma condição quanto à segurança ou ao perigo. Fazem causa comum e, portanto, devem ser do mesmo pensar. Realmente, não foi sem razão que os Padres ordenaram que, na eleição de candidatos ao serviço do altar, também o povo fôsse consultado. Porque aqui e ali succede que, quanto à vida e conduta de um candidato, uns poucos conhecem aquilo que é desconhecido da maioria. Necessariamente, também, o povo prestará obediência mais pronta ao ordenado se houver consentido na sua Ordenação.

"Ora, com a ajuda do Senhor êstes diáconos estão para ser ordenados sacerdotes. Até onde posso julgar, a vida dêles foi de bondade aprovada e agradável a Deus, e, na minha opinião, merece-lhes promoção a uma honra eclesiástica mais alta. Contudo,

para que não suceda que um ou alguns estejam enganados no seu juízo, ou embaídos pelo afeto, devemos ouvir a opinião de muitos. Por isto, seja o que fôr que saibais sobre a vida ou sobre o caráter dêles, seja o que fôr que penseis da dignidade dêles, livremente fazei-o conhecido. Atestai a idoneidade dêles para o sacerdócio segundo o mérito antes que segundo o afeto. Se alguém tem alguma coisa contra êles, perante Deus e pelo amor de Deus adiante-se confiantemente e fale"...

Então, após uma pausa, o Bispo dirigiu-se a nós que íamos ser ordenados: "Caríssimos filhos, ides ser ordenados com a ordem do sacerdócio. Esforçai-vos para a receberdes dignamente, e, para, depois de a receberdes, lhe cumprirdes os deveres de maneira digna de louvor.

"O officio do sacerdote é oferecer sacrificio, abençoar, governar, pregar e batizar. Na verdade, deve ser com grande temor que ascendeis a um estádio tão alto; e deveis tomar cuidado para que a sabedoria celeste, um caráter irrepreensível e uma retidão longamente continuada rejam o futuro que o candidato escolheu. Foi por esta razão que o Senhor, quando mandou Moisés escolher, de todo o povo de Israel, setenta homens para o assistirem, e conceder a êles um quinhão nos dons do Espírito Santo, acrescentou esta instrução: Toma aquêles que sabes serem os mais velhos do povo. Ora, vós tereis sido moldados por êsses setenta mais

velhos se, assistidos pelos sete dons do Espírito, observades os Dez Mandamentos da lei, e providades serdes dignos, maduros em mente e igualmente em obras.

"Sob o mesmo mistério e figura, o Senhor escolheu no Nôvo Testamento setenta e dois discípulos que mandou, dois a dois, adiante de si, para pregarem. Assim, êle desejava ensinar, por palavra e por ato, que os ministros da sua Igreja deveriam ser perfeitos em fé e em prática, ou, por outras palavras, deveriam ser bem fundados no duplo amor, a saber: o amor de Deus e o amor do próximo.

"Portanto, procurai ser tais, pela graça de Deus, que sejais dignos de ser escolhidos como os auxiliares de Moisés e como os doze Apóstolos, isto é, os Bispos católicos, que são representados por Moisés e pelos doze Apóstolos. Verdadeiramente admirável é a variedade com que a Santa Igreja é dotada, adornada e governada. Os seus ministros são homens ordenados em várias ordens, alguns Bispos, outros inferiores em categoria, sacerdotes e diáconos e subdiáconos; e, de muitos membros distintos na dignidade, o único Corpo de Cristo é formado.

"Portanto, amadíssimos filhos, escolhidos por nossos irmãos para serdes nossos auxiliares no ministério, mantende no vosso comportamento uma inviolada pureza e santidade de vida. Compreendei o que fizerdes, imitai o que administrardes. Visto que celebrais o mistério da morte do

Senhor, deveis esforçar-vos por mortificar nos vossos membros todo pecado e concupiscência. Seja a vossa pregação um remédio espiritual para o povo de Deus, e que o doce odor da vossa vida santa seja um deleite para a Igreja de Cristo. Edificai, assim, por palavra e exemplo, a casa, isto é, a família de Deus, de modo que a vossa promoção a tão grande officio e a recepção dêle não sejam para vós ou para nós causa de condenação, mas, antes, de recompensa. Conceda-no-lo Deus por sua graça".

Então o Bispo e todos os presentes rezaram por nós. E a oração final foi a do Bispo: "Oremos, amadíssimos irmãos, a Deus Pai Onipotente para que êle multiplique seus dons celestiais sôbre êstes seus servos que êle escolheu para o officio do sacerdócio. Possam êles, com o seu auxílio, cumprir aquilo que emprehendem a seu gracioso chamado, por Cristo Senhor Nosso".

Voltando-se para nós, enquanto nos ajoelhávamos diante dêle, o Bispo orou novamente: "Ouvimos, rogamo-vos, Senhor nosso Deus, e derramai sôbre êstes vossos servos a bênção do Espírito Santo e o poder da graça sacerdotal. Sustentai-os para sempre com a munificência dos vossos dons, que apresentamos à vossa misericórdia para serem consagrados. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina em unidade do mesmo Espírito Santo, Deus, por todos os séculos dos séculos...

“Suplicamo-vos, ó Senhor, nos deis também auxílio na nossa enfermidade; precisamos tanto dê-le... já que muito maior é a nossa fraqueza. Suplicamo-vos, ó Pai Onipotente, investirdes êstes vossos servos com a dignidade do sacerdócio. Renovai nos seus corações o espírito de santidade, para que êles possam desempenhar o seu ofício, o segundo em importância, que êles receberam de vós, ó Senhor, e para que, pelo exemplo de suas vidas, apontem uma norma de conduta. Sejam êles colaboradores vigilantes da nossa Ordem; que o modelo de tôda justiça brilhe nêles de modo que, quando êles prestarem uma boa conta da mordomia que lhes foi confiada, possam receber a recompensa da eterna felicidade”.

Então fomos vestidos com as vestes sacerdotais que trazíamos no braço, e, enquanto o fazíamos, éramos exortados pelo Bispo, com estas palavras: “Recebei o jugo do Senhor, pois o seu jugo é suave e o seu fardo leve... recebei a veste sacerdotal, pela qual é significada a caridade; porque Deus é poderoso para lhes aumentar a caridade e o serviço perfeito”.

Então estendi minhas mãos, que o Bispo ungiu com óleo e envolveu cuidadosamente num pano de linho nôvo. O óleo as pôs à parte para as altas responsabilidades da minha obra sacerdotal.

Durante essa unção o Bispo orava: “Dignai-vos, ó Senhor, de consagrar e santificar estas mãos por esta nossa unção e bênção... para que tudo quanto elas aben-

çoarem seja abençoado, e tudo quando elas consagrarem seja consagrado e santificado”.

Foram-me confiados os vasos do altar — um cálice com vinho e um pouco de água, e um pratinho dourado contendo o pão não consagrado que dentro em pouco eu usaria no altar. E o Bispo orou: “Recebei o poder de oferecer sacrifício a Deus e de celebrar Missa tanto pelos vivos como pelos mortos, em nome do Senhor”.

Estava eu, assim, sendo consagrado a Deus e ao serviço das almas.

Estava sendo marcado com o sinal da Cruz.

O verdadeiro âmagô da Ordnação era silencioso e quase com a confidência de um grande segredo.

Eu me ajoelhara diante do Bispo, e na minha cabeça êle colocou as mãos. Não era êste um gesto leviano e casual. As suas velhas mãos, calejadas dos labôres de uma vida inteira, pareciam imprimir-se na minha cabeça. Ele as tornou deliberadamente pesadas, pois aquelas mãos vinham a mim carregadas da história das idades. O gesto que êle fazia, S. Pedro o havia feito, e haviam-no feito S. Tiago e S. Paulo, quando enviavam os seus jovens sucessores a trabalharem e morrerem por Cristo.

As mãos dêle estavam pesadas do Espírito Santo.

Porque eu sabia e profundamente cria que o Espírito Santo estava vindo a mim. “Recebei o Espírito Santo”, dissera Cristo

aos seus discípulos. E esse mesmo Espírito Santo êles haviam transmitido aos seus sucessores que se tinham ajoelhado diante dêles para receberem o sacerdócio.

As mãos do Bispo estavam pesadas dos poderes que Cristo havia dado a seus discípulos escolhidos. Eu era ordenado para perdoar pecados. "A quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados..." Era-me mandado tomar o pão e o vinho e oferecê-los no sublime Sacrifício da Missa. "Isto é meu Corpo... Isto é meu Sangue... Fazei isto em memória de mim". Eu era agora obrigado a levantar minhas mãos no gesto de um mestre oficial.

Quando as mãos do Bispo foram retiradas da minha cabeça, um após outro os sacerdotes que enchiam a igreja se aproximaram, e cada um dêles pousou sobre a minha cabeça as suas mãos sacerdotais.

Quase parecia-me sentir a graça do poder sacerdotal dêles fluir dentro da minha jovem alma. Geração sobre geração, em longo passado, estavam concentradas naquele momento, em que a mim, nôvo sacerdote, era confiada a mesma alta dignidade que pertencera aos sacerdotes da Antiga e da Nova Lei. Agora era meu o admirável officio dêles.

Sem o merecer, eu fôra elevado pelo meu officio a ser instrumento de Deus Todo-Poderoso — officio que me collocava à testa do meu povo perante Deus.

Daquele momento em diante eu devia passar a minha vida pedindo a Deus voltar para junto do seu povo, e, por meus atos officiais, possibilitar essa volta.

Agora eu devia descer até o meu povo e elevá-lo até Deus.

As tremendas responsabilidades dêsse officio fizeram-me tremer então, como tremo agora ante a contínua experiência da minha indignidade pessoal. Mas eu sabia então como sei agora que Deus queria vir ao seu povo e se utilizaria mesmo de mim, indigno sacerdote, para o seu alto desejo. Sabia, também, que a fome íntima do povo era de Deus, e que o povo aceitaria o meu sacerdócio, por mais imperfeitamente que eu o exercesse, — especialmente se, pela minha vida pessoal e pela minha obra como sacerdote, eu pudesse elevá-lo para mais perto do seu Deus.

O Bispo voltara-se e ficara de frente para o altar, porque agora era tempo da celebração da Missa de Ordenação.

A minha voz e as vozes dos meus colegas em tôrno de mim, agora sacerdotes como eu, juntaram-se à do Bispo enquanto êle oferecia o sacrificio.

Todos nós juntos oferecemos a Deus o pão e o vinho.

Juntos dissemos as gloriosas palavras que Cristo ordenara: "Isto é meu Corpo, isto é meu Sangue". O Filho de Deus visitava o seu povo.

Juntos lhe pedimos vir aos nossos corações e aos corações das

pessoas a quem amávamos. Era o augusto momento da Sagrada Comunhão.

Estava finda a Missa de Ordenação; o Bispo deixou o santuário e nós voltamos à igreja, que nos esperava. Ali, na grade que separava o santuário do resto da igreja, estavam ajoelhados minha mãe e meu pai. Dirigi-me para eles, e sôbre as suas cabeças curvadas fiz o sinal da cruz com

minhas mãos ungidas de fresco. Eles, os meus entes mais amados, foram os primeiros a quem servi na alegria do meu sacerdócio.

Então a grade apinhou-se de gente que veio para ser abençoada por Deus por intermédio dos seus novos sacerdotes.

E eu era sacerdote para sempre, e não posso achar palavras para vos dizer a minha alegria.

MAS SÓMENTE CRISTO É O NOSSO SACERDOTE

Esta é a pretensão daqueles que dizem que não precisam de ninguém para mediar entre eles e Deus. "Eu vou direito a Deus para tudo", dizem eles.

Ora, considerada de perto, esta pretensão é singularmente inverídica... de qualquer modo que você queira olhá-la.

Deus tem um plano, mui discernível, que se estende a todo o universo: tôdas as coisas vêm-nos de Deus como da sua fonte última; porém muitas coisas também nos vêm através de algum fator criado, ou em conexão com a atividade dêle.

Deus assim fez o seu modo de dirigir o universo.

Ninguém pode negar que Deus age constantemente através de agentes humanos.

Entre nós e Deus está uma multidão de pessoas, que, na realidade, são deputedos de Deus que nos servem em nome e sob a autoridade dêle. Tôdas as coisas vêm de Deus; mas vêm de Deus através das mãos ocupadas, profissionais, treinadas ou não treinadas, dos nossos semelhantes.

Deus é o Criador de todo alimento que nós comemos.



Contudo, exceto nos casos raros e excepcionais como o do Maná no deserto, todo alimento vem a nós através do vasto sistema do universo material e de agentes humanos tais como o fazendeiro, o pecuarista, o cozinheiro e o padeiro.

Deus é a fonte de toda verdade.

Mas, exceto no caso dos raros e inspirados profetas dos antigos tempos, toda verdade vem-nos de Deus através de fontes humanas tais como nossos pais, mestres, amigos, educadores e escritores.

Nós pedimos a Deus saúde e lhe agradecemos quando êle nos abençoou com fortaleza corporal.

Contudo, a nossa saúde estaria mal parada se nós não usássemos os meios que Deus pôs à nossa disposição para sermos fortes e permanecermos bem, como sejam: a saúde herdada e o generoso cuidado de nossos pais, o alimento conveniente proveniente daqueles que o fornecem, os nossos médicos, hospitais, farmacêuticos e enfermeiras.

Até mesmo a nossa vida nos vem de Deus com a cooperação das suas criaturas.

Deus é o autor da vida. Toda-via, êle utiliza nossos pais para nos dar a vida. Se êles não houvessem cooperado com êle, nós não teríamos sido concebidos ou postos no mundo. A vida só veio de Deus a nós quando nossos pais se amaram, se casaram e procriaram a nossa vida infante de acôrdo com o plano de Deus.

Destarte, dizer que a gente recebe tudo diretamente de Deus é puro contra-senso.

Com efeito, o meio normal pelo qual nós recebemos tudo de Deus, no seu plano presente, é através de seres humanos.

Até mesmo Deus e a sua graça.

Se você crê em Deus, êle não o instruiu diretamente a respeito de si mesmo. Instruiu-o por intermédio de seus pais, por intermédio de Cristo e dos seus Apóstolos, por intermédio do seu Livro Sagrado que foi trazido à existência por uma variedade de escritores divinamente inspirados, mas sempre humanos, e por intermédio da sua Igreja.

Por isto, rejeitar o fato e a obra dos sacerdotes no Cristianismo é dizer: Num só lugar e uma só vez Deus age diretamente e sem intermediário humano — e é quando se trata de religião. Onde é que alguém acha tal idéia na Bíblia? Na realidade, a Bíblia é uma longa história do modo como seres humanos levam outros seres humanos a Deus. Ali você achará que Deus está constantemente escolhendo homens e mulheres para agirem como seus mensageiros, para levarem seu povo a êle. Ele escuta as vozes

dos santos da Antiga Lei. Estes podem granjear o favor dêle como outros não podem. Êle mesmo não guia diretamente o seu povo. Escolhe homens e mulheres para conduzirem seu povo em seu lugar.

Todo o Antigo Testamento, com razão caro aos corações cristãos, é o registo de homens e mulheres, notavelmente de sacerdotes ordenados escolhidos por Deus, os quais se erguem entre Deus e o povo. Eles rezam pelo povo. Oferecem sacrifícios pelo povo. Fazem as coisas indicadas que granjeiam o favor de Deus para o povo. Ensinam o povo. Conduzem o povo a Deus, que espera pelo amor e pelo serviço do povo.

Como sacerdote católico, sou profundamente cõscio do sacerdócio de Jesus Cristo.

Na verdade, em Cristo eu ve o sacerdote pleno e perfeito.

Para mim, como católico, como cristão que aceita o Cristo pleno e perfeito, Cristo é sacerdote por força da sua própria natureza.

Em virtude do seu ofício e do seu caráter profissional e da sua obra, um sacerdote é, queira lembrar-se disto, um homem que se erige como representante de Deus junto ao povo e como representante do povo perante Deus. Êle traz Deus ao povo e leva o povo a Deus.

Portanto, quão perfeita, plena e realmente Jesus Cristo é sacerdote!

Creio que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Creio que na pessoa do Salva-

dor está a perfeição da Divindade e estão todos os atributos da nossa humanidade.

Por isto, em Jesus Cristo tem-se o sacerdote completo.

Na sua pessoa divina êle alia a natureza de Deus e a natureza de homem.

Realmente, no momento em que o Filho eterno de Deus se fez homem, Deus veio à terra e elevou a natureza humana a uma união consigo mesmo.

No decurso da sua vida, Cristo foi o sacerdote, o sacerdote pleno e perfeito, porque na pessoa do Salvador estavam unidos o Deus do Céu e o Filho do Homem.

Portanto, nos momentos sublimes do seu ofício sacerdotal, Cristo representou o pleno papel de sacerdote.

Na Última Ceia, êle desempenhou perfeitamente a função sacerdotal do Pai de família. Ofereceu o cordeiro pascal e deu-o aos seus apóstolos. Depois encaminhou-se para o glorioso Sacrifício da Nova Lei. Primeiramente ofereceu a Deus o pão e o vinho, que são os antigos símbolos da vida. Depois formulou a manifestação de fato: "Isto é meu corpo... isto é meu sangue"; e ofereceu a Deus separadamente seu Corpo e seu Sangue em sacrifício incruento, num dom pleno e sublime.

Seguindo de perto a Ceia do Senhor na noite da Quinta-Feira Santa, veio o Sacrifício da sua vida no Calvário no dia imediato.

Cristo nosso Sumo Sacerdote sobe ao altar da cruz. Ali ergue-se como o sacerdote perfeito.

Na sua pessoa divina êle uniu Deus e o homem.

Ora, como nosso Sumo Sacerdote, êle faz a sua oferta a Deus. Apresenta a seu Pai celestial a sua vida imaculada.

Por ser êle homem, o seu sofrimento e morte podem expiar todos os pecados e culpas humanas.

Por ser Deus, o que êle faz é de valor infinito, aceitável ao Deus infinito.

A vida que êle livremente oferece é a sua própria vida. Quem oferece essa vida é o nosso representante e também o nosso Deus.

Por isto, a morte de Cristo na cruz não foi meramente o ato altruístico de um homem grande e bom, mas sim o Sacrifício supremo do nosso Sumo Sacerdote para todos os tempos.

Nêle, tôdas as sangrentas figuras simbolizantes da Lei Antiga e dos sacrifícios desta são realizadas. João Batista chamou-lhe o Cordeiro de Deus. Ora, êsse Cordeiro, vítima favorita de todos os sacrifícios, é sacrificado em favor de nós.

Creio que Jesus Cristo é o perfeito, principal e único sacerdote de todos os tempos, e, como tal, não pode ter sucessores.

Aceito tudo o que S. Paulo tão brilhantemente escreve sobre êle na sua Epístola aos Hebreus.

Êle é, em verdade, o nosso Sumo Sacerdote.

Eu não só creio isto, mas também sei exatamente por que o creio.

Mas será que, pelo fato de termos um só Sumo Sacerdote, isso significa que com êle todo sacrifício cessou? Acaso Cristo pretendeu que a sua religião fôsse uma religião com um único Sacrifício histórico desaparecendo no passado distante? Devia o Cristianismo contentar-se com a memória de um grande Dom feito uma só vez a Deus? Devia a Sexta-Feira Santa ter um só e o único Sacrifício do Cristianismo? E não devia haver sacerdote, já que Cristo funcionara como nosso Sumo Sacerdote?

O próprio Cristo disse que não veio destruir, mas completar.

Na Última Ceia, uma vez que êle aperfeiçoara o sacrifício do cordeiro pascal e dera, em lugar dêle, o Sacrifício de si mesmo sob as espécies de pão e de vinho, êle deu aos seus Apóstolos um insistente mandamento: "Fazei isto em memória de mim".

O oferecimento do pão e do vinho que êle fez, êles também deviam fazê-lo.

A consagração do pão e do vinho no seu Corpo e no seu Sangue devia ser agora o ofício dêles como seus delegados e como os instrumentos do seu divino poder. E êles deviam agora oferecer Cristo ao Pai celeste sob as aparências de pão e de vinho.

O sacerdócio judeu era aperfeiçoado no sacerdócio cristão, e as funções religiosas que, por mandamento de Deus, os sacerdotes judeus faziam com feição preparatória, os sacerdotes cristãos imediatamente começaram a

fazê-las com a feição perfeita ordenada por Cristo.

A história apropria-se imediatamente disso.

Como embaixadores de Deus e dispensadores dos seus mistérios, os sacerdotes cristãos começaram imediatamente a funcionar.

Erguem-se entre Deus e o povo, êsses Apóstolos. Continuam a missão de Cristo reconciliando Deus com seu povo.

Ensinam como sacerdotes. Perdoam pecados por mandato divino. Em toda parte levam a efeito o Sacrifício da Última Ceia.

Assim, desde os próprios fundamentos do Cristianismo nós temos o sacerdote cristão.

Êle se considera como fazendo aquilo que Cristo mandou. Assim também faz o seu povo.

O sacerdote é incumbido a continuar a obra de Cristo, Sumo Sacerdote. O que êle faz é apenas aquilo que Cristo mandou:

"Fazei isto" com o pão e o vinho.

"Perdoai os pecados" em nome e pelo poder de Cristo.

"Ide e ensinai" em obediência à voz que disse: "Quem vos escuta a mim escuta".

Tomaria muito mais espaço do que o permite êste pequeno folheto o explicar tudo isto plenamente. Aqui posso dar apenas uma explicação, e não as provas que muitos espíritos indaga-dores exigem. Em si mesmo é difícil dar uma explicação, e por isto deixe-me dá-la de modo pessoal.

Sou sacerdote porque, no plano de Deus, instrumentos humanos servem em tudo ao povo de Deus. Deus dá alimento, vestuário, saber, e mesmo religião, por intermédio dos meus semelhantes. Sim, até mesmo a si êle se dá por meio dos meus semelhantes.

Não creio que o Cristianismo tenha tido um único Sacerdote há muito subido ao Céu, o qual levou a efeito um único Sacrifício e depois deixou o povo sem um dom diário a fazer ao seu Deus. Creio que a religião perfeita, qual é a de Cristo, tem um sublime Sumo Sacerdote, o Salvador. Também tem um Sacrifício vivo, diário, e sacerdotes vivos para o oferecerem.

Quando eu subo ao altar para oferecer êsse Sacrifício, subo-o como agente e representante de Cristo. Só dêste modo é que participo do sacerdócio dêle. Creio que nisso a que nós chamamos a Missa, ou seja, a representação da Última Ceia, o próprio Cristo é, como o era no Calvário e na Última Ceia, o Sumo Sacerdote. Eu sou meramente um agente humano ao qual o seu sacerdócio foi delegado, fazendo eu o que êle mandou, de modo que o seu grande Sacrifício pode ser o dom diário oferecido pela humanidade a Deus e o dom de redenção e de graça feito por Deus ao seu povo.

Sei que só posso fazer isso como instrumento de Deus.

Capacito-me plenamente de que é minha obrigação conduzir o povo não a mim mesmo, mas sim a Jesus Cristo.

Eu sou o sacerdote dependente, delegado, fraco e falível; êle é o sacerdote perfeito e único. Contudo, uma vez que êle confiou a direção do seu reino a seres humanos como eu, deu-me o abençoado privilégio e ofício de funcionar como seu sacerdote, em seu nome e mediante o seu poder.

Se Deus ordenou que você vá a um médico para a conservação e restauração da sua saúde — e no entanto todo o tempo você pede a êle que inspire e guie o médico...

Se você emprega um advogado para obter justiça para si — e no entanto pede a Deus que dê sabedoria ao juiz...

Se você agradece a Deus o seu alimento — e no entanto o compra do seu vendeiro e come aquilo que foi preparado pelo seu cozinheiro...

Se você adquire saber através de mil fatores humanos — e no entanto sabe que Deus é a fonte última da verdade...

Então eu creio que é simples lógica dizer: Deus pretendeu que nós tivéssemos agentes humanos que profissionalmente apresentassem os dons dêle a nós e nos representassem perante êle. Tudo isso faz parte do seu admirável plano de permitir aos seres humanos livres a direção real do mundo e do reino dêle na terra. Ele é Senhor do mundo. Nós somos os seus mordomos. Ele nos dá tôdas as coisas; mas estas coisas vêm a nós através das mi-

nistrações daqueles que nos servem de mil maneiras diferentes.

Sei que Jesus Cristo é o grande e supremo Sacerdote.

Mas êle graciosamente me permite agir em seu nome como seu sacerdote visível perante o povo.

Porque êle quer que o povo tenha tanto um sacerdote visível como um sacerdote invisível.

Quer que o Sacrifício dos cristãos não seja um Sacrifício remoto de dezenove séculos, mas sim um Sacrifício Redentor que se acha disponível ao povo todos os dias e em todos os lugares.

Ele não terminou o sacerdócio, uma vez por tôdas, por causa do

seu próprio caráter sacerdotal perfeito, mas estabeleceu o padrão daquilo que os seus sacerdotes cristãos deveriam ser.

Isto é o que o Cristianismo histórico sempre creu.

Este é o desejo do coração humano... é a resposta às aspirações da natureza humana.

Definidamente e em palavras claras Cristo elevou os homens a um officio entre o povo e Deus, e delegou-lhes o poder de ensinar com verdade, de perdoar pecados, de fazer coisas maravilhosas com pão e vinho.

Isto faço eu hoje, por ser sacerdote de Cristo.

Que é que um sacerdote católico faz?

"Ser padre católico deve ser um negócio bem "sopa". Que é que um padre faz, de qualquer maneira, para merecer o apoio que seu povo lhe dá?" E' esta uma grande questão, e por isto tenho de responder a ela com alguma minúcia.

Tomemos o dia da média dos sacerdotes, de quase todos os sacerdotes.

Em alguns lugares êle se levanta entre seis e sete horas, ou mesmo bem mais cedo, dependendo da hora da Missa que êle reza na igreja ou capela paroquial.

A Igreja espera que êle se entregue pelo menos a uma meia hora de oração pessoal. Isto êle o deve a Deus e à sua própria alma. Usualmente isto é chamado oração mental, oração passada em pensar sobre algum incidente do Evangelho, sobre algum característico de Cristo, sobre os seus próprios deveres e sobre os privilégios pelos quais êle deve a Deus tão profunda gratidão, sobre as necessidades do seu povo e sobre o que êle pode fazer para ocorrer a elas.

Depois vai ao altar e diz Missa.



Como sacerdote, considero êste o meu maior trabalho do dia. Ofereço a Deus, conforme êle me mandou, um triplice dom:

O dom do pão e do vinho, antigos símbolos do próprio Cristo;

O dom de mim mesmo e do Deus perfeito e perfeito homem sob as aparências de pão e de vinho;

O dom de mim mesmo e do povo de Deus unido com o Salvador e dedicado à sua glória.

Em troca, Deus me dá, e ao povo, Cristo Jesus na admirável união a que chamamos Sagrada Comunhão.

Ofereço a Missa por diferentes intenções: pela paz do mundo, para obter fortaleza e êxito para a vida, pela salvação dos pecadores e pelo incremento dos santos, para obter a bênção de Deus sobre toda a humanidade, por todas aquelas coisas que os homens e as mulheres devem ter se conhecerem a vontade de Deus e a fizerem.

Mais do que isto, creio que, por meio da Missa, eu abro a porta pela qual Jesus Cristo visita o seu mundo. Os comunistas odeiam os padres; o mesmo fa-

zem todos aqueles que odeiam Jesus Cristo. Por alguma espécie de intuição diabólica eles sabem que, quando os padres dizem Missa, trazem Cristo ao seu mundo e para junto do seu povo. Sentem que, se eles puderem obstar à Missa, podem separar Cristo do seu povo. Por isto atacam os padres, como um meio de pôr fim à Missa.

Em seguida à Missa, muitas vezes o sacerdote leva Cristo, sob as espécies de pão, na Sagrada Comunhão, aos doentes e impedidos na sua paróquia. Vai de casa em casa, levando consigo Cristo. Quando o homem de gola romana cruza com você no seu caminho para o trabalho, as probabilidades são de estar ele levando Jesus Cristo, na Eucaristia, aos velhos, aos prostrados, aos doentes, aos moribundos.

Bastantes vezes, antes ou depois da Missa, há pessoas que desejam confessar-se. A Confissão é o modo de o sacerdote cumprir o mandamento de Cristo para perdoar pecados, e o modo de os cristãos buscarem perdão para os seus pecados. Além desta matéria de perdoar pecados pelo poder de Cristo, a Confissão é uma oportunidade para os católicos buscarem conselho, exporem seus problemas pessoais a um conselheiro objetivo e adestrado, e obterem o auxílio de que necessitam para o viver confuso e difícil que nós todos experimentamos.

O almoço na reitoria de um sacerdote geralmente é apressado; porque os chamados de ser-

viço começam cedo. O seu dia é pontilhado de numerosos chamados telefônicos, de idas ao gabinete ou escritório, do soar da campainha da porta. Os sacerdotes são um ímã para mendigos, para os que estão em angústia espiritual ou mental, para santos, para pecadores, para gente simples — e para “cacêtes”. Um sacerdote cedo aprende a escutar, e, assim, escuta, dá do seu parco ganho em caridade, e dá, em direção moral ou espiritual, do seu acervo de saber e de experiência cuidadosamente adquiridos.

Também é muito comum um sacerdote ensinar religião a meninos e meninas na escola parquial. Ou pode estar ensinando latim ou ciência ou literatura numa escola secundária ou num colégio.

Depois dos seus deveres paroquiais, muitos sacerdotes modernos chefiavam um dos importantes departamentos diocesanos; o que quer dizer que ele pode ser editor de um jornal religioso, diretor de uma das obras de caridade da cidade, superintendente de uma escola católica, ou encarregado da entidade que coleta fundos necessários para sustentar missionários no país ou em países longínquos.

Se ele não estiver fazendo isto, estará empenhado em mil deveres ligados com a direção e manutenção de uma paróquia católica. Porque uma paróquia católica não é apenas uma igreja

aberta nos domingos pela manhã e talvez duas noites por semana; é uma igreja aberta do nascer do sol até tarde da noite; é uma grande escola para todos; é o centro de uma variedade de organizações católicas; é, talvez, um centro social ou de juventude. Todas estas coisas necessitam constante atenção, inspeção e real trabalho físico.

Muitas paróquias da cidade têm, nas suas zonas, um hospital. Seja este um hospital católico ou não, o sacerdote visita aqueles que desejam vê-lo, e faz disto um ponto de apoio para ver se pode localizar e procurar aqueles que de algum modo possam aproveitar da sua visita, do seu conselho, do seu auxílio imediato e dos poderes sacerdotais de que ele dispõe.

Ligada a toda igreja católica está uma variedade de atividades — sociedades tanto para rapazes como para raparigas; sociedades para homens e mulheres e casais; sociedades dedicadas a obras particulares de caridade, de instrução, de recreio, de missões, de cooperativas, e assim por diante. O sacerdote é responsável ao menos por um interesse pessoal por essas atividades e sociedades, e as reuniões delas sempre consomem tempo.

Se está construindo, deve o sacerdote ver e consultar o seu superintendente de obras. Se está reparando, como o está quase constantemente, tem de conceder tempo a preços e contratos, a inspeções e reinspeções sobre a obra

planejada e sobre a obra em progresso.

Como homem educado, ele necessita de tempo para estudo e leitura pessoal. Cada domingo ele tem um sermão a pregar, e geralmente, durante a semana, tem algumas práticas a fazer. Bons sermões não se fazem simplesmente desejando vê-los em existência. Reclamam estudo e preparo cuidadosos.

As tardes podem ser tempo atarefado. Usualmente, muitos sacerdotes procuram tirar uma tarde na semana para visitar seus pais ou parentes, para fazer um pouco de esporte, para fazer compras pessoais, para ler em tranquilidade não perturbada, para cuidar de coisas como fotografia ou coleção de selos, etc. Se realmente conseguem essa tarde, dão-se por muito felizes.

As outras tardes são um constante círculo de chamados à sacristia; é gente que vem tratar de casamentos e funerais e batizados, são mães que vêm com os filhos para se aconselharem, é gente casada que vem com os seus problemas, é gente não casada que vem conversar sobre o seu futuro. Durante as tardes, são ouvidas as confissões dos meninos, e usualmente, uma vez por semana, o sacerdote ouve as confissões das freiras num convento próximo.

Depois do jantar, geralmente as tardes do pastor ou vigário são cheias.

Duas ou três noites na semana pode haver cerimônias na igreja.

Quase toda tarde alguma sociedade tem uma reunião, alguma comissão reclama a atenção do padre, algum clube está em sessão.

A noitinha ele geralmente instrui os que procuram esclarecimento sobre a Igreja Católica. Uma moça pode trazer o moço que quer casar-se consigo e ao qual deve ser dito o que significa casar-se com um católico.

O convertido em perspectiva tem de ser instruído no completo esboço da Fé e da prática católicas. O simples indagador deve ser recebido com cortesia e consideração.

Depois, a intervalos, durante o dia, o padre dá voltas à sua paróquia. Visita os doentes. Vai ter com os acamados. Pode visitar um novo paroquiano, e de fato há uma larga variedade de razões para que ele tenha oportunidade de visitar essa gente.

Em aditamento a tudo isso, pode o padre ser também chamado a benzer um estabelecimento numa inauguração, a participar de reuniões sociais às quais é de conveniência que atenda, etc., etc.

Mas, para resumir aquilo que pode parecer um enfadonho catálogo de deveres de rotina, um bom sacerdote procura ser tudo para todos.

Ele é um servidor público, e assim o considera o seu povo. Ele tem muito pouco tempo privado e pequenos períodos de tempo ininterrupto.

Pelos seus votos ele é obrigado a dar livremente aquilo que livremente recebeu de Deus.

O seu povo chama-lhe "Padre" ou Pai, porque em sentido espiritual e religioso deve ele muitas vezes agir como o pai de uma família que constantemente pede o seu auxílio em dificuldades reincidentes, e que quereria repartir com ele suas alegrias e seus bons sucessos.

Porém ele é mais sacerdote quando sobe ao altar e ao púlpito.

Sente o seu sacerdócio profundamente quando se senta na escudilhão do confessionário e os pecadores vêm a ele em busca de paz para a mente e para a alma.

Gosta de elevar Cristo sob a aparência de pão para abençoar o povo, na Bênção do SS. Sacramento. Fica satisfeito quando um menino o faz parar com um convite: "Venha ver-nos jogar bola, Padre!"

Sorri para a senhora que lhe apresenta o seu rosário para ele benzer, ou para a criança que lhe pede a bênção.

Sente-se extraordinariamente feliz quando, no Batismo, derrama a água sobre a cabeça de uma criancinha, quando abençoa as mãos juntas de um jovem par em casamento, quando acolhe na sua paróquia um dos "seus rapazes" que tinha ido para o Seminário e que agora volta neo-sacerdote cheio de zelo.

E' uma vida ocupada, mas, tanto quanto pode fazê-lo o zelo e a fé humana, é uma vida ocupada dos negócios de Deus... dos negócios de meu Pai.

E é por isto que um bom sacerdote é um homem feliz.

Certamente eu penso que ele é um homem útil.

ra será ligado no céu, e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu" (Mt 18, 15-18).

Essas palavras tornam inteiramente claro que o fiel discípulo de Cristo é obrigado a ouvir a Igreja, sob pena de ser tachado de pagão ou de publicano. E' difícil dizer qual dessas classes era pior aos olhos daqueles a quem Nosso Senhor falava. O publicano era o "Quisling" (quinta-coluna) do seu tempo, um empregado do odiado e usurpador Império Romano, empregado que coletava os impostos para o opressor estrangeiro.

Quanto ao pagão, êste é descrito nestes termos por S. Paulo: "Tendo o entendimento entenebrecido, estando afastados da vida de Deus pela ignorância que nêles há por causa da cegueira do seu coração; os quais, desesperando, se deram à lascívia, a obrar tôda imundície com avareza" (Ef 4, 18-19). Merecer ser pôsto em tais categorias é coisa bem aterradoradora.

Essas palavras também conferem à Igreja a autoridade de fazer leis. A fôrça obrigatória dessas leis é a mesma que se elas fôsem feitas pelo próprio Deus, por serem ratificadas por Deus no céu. Não há outra explicação satisfatória para as palavras: "Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu".

A Igreja é o Corpo de Cristo

Há outra razão pela qual a Igreja, como nos diz S. Paulo, é a "coluna e fundamento da verdade". E' porque a Igreja é o

corpo de Cristo. Deus "pôs tôdas as coisas debaixo dos seus pés (de Cristo), e o pôs como cabeça sôbre tôda a Igreja, que é o seu corpo" (Ef 1, 22-23). A mesma idéia é repetida em Col 1, 18.

A cabeça dirige o corpo. Portanto, Cristo dirige a Igreja e fala ao mundo por intermédio da sua Igreja. A voz dela é a voz dêle soando no século vinte como tem soado em cada século desde o sermão de Pedro no primeiro Pentecostes até o presente dia. As leis da Igreja são as leis de Deus.

Portanto, se a Igreja é o que a Bíblia diz que ela é, não é uma loucura ir contra a Igreja? Pode-se objetar: "Mas quem é que sabe qual é hoje a verdadeira Igreja de Cristo?", questão mui legítima e muito importante. A resposta a essa questão é de suma importância, e pensamos que há para ela uma resposta mui convincente e satisfatória, a qual leva plenamente em conta a Bíblia tôda, e não um ou outro texto dela isolado. Mas não é nosso intuito responder aqui a essa questão.

Uma só Igreja

A prática e as leis concernentes ao Dia do Senhor ou Domingo vieram, contudo, à existência no tempo em que *não havia senão uma só Igreja*. Para trás, nos tempos apostólicos, como já assinalado, a Igreja única sancionou a observância do Domingo, e indicou que a lei de Moisés fôra revogada, "pregada à cruz", na enfática frase de S. Paulo (Col 2, 14). E pouco depois, quando

ainda não tinha havido divisão na Igreja, foram promulgadas leis proclamando a obrigação de santificar o Domingo em vez do Sábado.

Por séculos a Igreja tóda, a "coluna e fundamento da verdade", observou o Domingo como o Dia do Senhor, o Dia Santo. Muitos séculos mais tarde, quando houve cisão e vários grupos se separaram da Igreja, os ramos cortados do venerável tronco paterno levaram consigo a observância do Domingo como o Dia do Senhor.

Esta deve ser a vontade de Deus, do contrário tudo o que o divino Fundador disse sobre a autoridade da Igreja para fazer leis é uma burla e uma decepção. Ou então tudo o que S. Paulo, inspirado por Deus, disse sobre a Igreja deve ser falso.

Certamente Jesus Cristo não fundou a sua Igreja contra o próprio Deus, dando a ela poder para mudar os mandamentos de Deus Onipotente eternamente duradouros! Não lemos que a lei de Moisés devia ser a lei e aliança eterna? Há uma reiterada referência a estatutos que devem durar *para sempre*, como em Ex 12, 14, 17; Ex 28, 43, e muitas outras passagens. Ao Pacto do Sinai se alude, em 1 Par 16, 17, como eterno, ou durando para sempre. Muitas passagens semelhantes poderiam ser citadas. Veja, por exemplo, o Sl 105, 10.

No Antigo Testamento êsses têrmos às vêzes significam apenas um tempo muito longo, muitas gerações, muitos séculos, mas

não eternamente. Que êles devem ser tomados neste sentido, isto é tornado inteiramente claro pelo ensino inequívoco do Nôvo Testamento, de que êsse Pacto "eterno" foi anulado.

Outra explicação que também é inteiramente satisfatória é que, na medida em que um poder terreno intervém, as leis que Deus dá devem durar e persistir inalteradas. Mas isto não exclui a intervenção de Deus para as alterar. Certamente o Todo-Poderoso é livre de alterar leis que não são reclamadas pela própria natureza das coisas.

Quando lemos no Ex (31, 16): "Os filhos de Israel guardarão o sábadu, observarão o sábadu em tôdas as suas gerações, por um pacto perpétuo", imediatamente notamos que essa lei é tornada obrigatória para os filhos de Israel. Em seguida notamos que a observância do Sábado era um sinal dessa aliança, e portanto devia permanecer enquanto a aliança durasse. Quando o pacto é anulado, o sinal passa com êle. Mas sabemos — e o Nôvo Testamento torna isto claro como cristal — que Deus revogou o Pacto antigo, e por êste próprio fato o sinal do pacto, que é a observância do sábadu juntamente com a circuncisão, cessa de ter qualquer força obrigatória. S. Paulo assegura que a lei e o pacto do Sinai findaram no Calvário. A lei foi riscada, pregada à cruz (Col 2, 14), e êle também nos assegura que ninguém deve julgar-nos, a nós cristãos, "a propósito dos... sábados" (Col 2, 16).

sa mente, o nosso coração, as nossas mãos.

A Igreja exige de nós que cada dia passemos cêrca de uma hora inteira rezando a Deus, usando para isso a oração oficial que é chamada o Offício Divino. Com os Salmos de David e tôdas as grandes orações do Antigo e do Nôvo Testamento, com os sermões e os atos de Cristo, com a brilhante atuação dos Apóstolos e dos Santos, a Igreja compilou um dos grandes livros do mundo. Ele é ao mesmo tempo um livro de oração, um guia para o amor de Deus, um registo de gloriosas vidas de homens e mulheres que amaram e serviram a Deus, a nata das Escrituras, os sublimes pensamentos daqueles que conheceram Deus mais intimamente e que mais perfeitamente o serviram.

Uma hora em cada dia da sua vida, o sacerdote lê e reza e medita, dizendo o Offício Divino.

Um sacerdote pode não ter as suas férias anuais, porque não há lei da Igreja que proteja e lhe garanta uma folga. Mas há uma lei da Igreja que insiste em que cada ano o sacerdote se retire de tôdas as suas atividades normais, vá para um lugar sossegado, e passe uns cinco a sete dias inteiros com Deus, nisso que é chamado um Retiro.

Usualmente, sob a direção de um sacerdote mais velho, experimentado na vida espiritual e com prática na oração e no amor e serviço de Deus, êle passeia em

silêncio, reza e pensa, olha retrospectivamente para os erros e omissões do ano, e faz planos para o ano vindouro.

Os esforços dos seus guias espirituais no seminário foram para adestrá-lo a pensar como é de supor que pensem os santos. É de esperar que cada dia da sua vida sacerdotal o ponha numa associação mais íntima com o seu Salvador.

Contudo, por cêrca de uma semana ê-lhe ordenado andar com Deus, pensar inteiramente sôbre Deus e sôbre a sua alma, e voltar à sua faina pronto a servir a Deus com entusiasmo fresco e nôvo zêlo.

O bom sacerdote tem só uma ambição — tornar-se tanto quanto possível semelhante a Jesus Cristo.

O sacerdote zeloso é, com razão, ambicioso de amar a Deus e de bem o servir.

Como todos os frágeis mortais, muitas vêzes êle fracassa; a meta é alta e os ideais são quase temivelmente esplêndidos. Êle conhece os seus próprios pecados e, quando é possível, uma vez por semana ajoelha-se diante de outro sacerdote e os confessa a êle como todos os católicos devem confessar os seus pecados. Espera-se que êle leia constantemente as Escrituras e aquêles livros espirituais que o ajudarão a tornar a sua vida mais bela e mais semelhante à vida de Cristo. Êle sabe como fica aquêdo do ideal; mas sabe que o ideal aí está

sempre, e que Deus, a Igreja, seus colegas sacerdotes e o povo esperam que êle chegue a reproduzir em si mesmo a imagem do Salvador tão de perto quanto possível.

A Igreja tem em desdém os sacerdotes mundanos e egoístas e pecaminosos.

A Igreja exige que o sacerdote mantenha Cristo no centro da sua vida e faça de Deus o seu

único amor, e da obra de Deus a sua única ambição.

Não deve êle esquecer-se de que o primeiro e o maior mandamento dado ao mundo por Cristo, o verdadeiro Sacerdote, é êste: "Amarás o Senhor teu Deus com tôda a tua mente e coração e alma e fôrça".

Se êle fôr um verdadeiro sacerdote, isto será a primeira e grande regra da sua vida pessoal, a sua ocupação oficial e o seu constante esforço.

"Todos os filhos de Deus são meus filhos!"

Cristo não teve ilusões sobre a dificuldade do segundo mandamento: Amará o teu próximo como a ti mesmo.

A gente ouve surpreendente número de pessoas dizerem despreocupadamente: "Eu posso não ser lá muito religioso; mas procuro praticar a Regra de Ouro".

Cristo foi mais sábio do que isso. Ele sabia que o único meio de amar o próximo era amar primeiro a Deus. Seria difícil amar a Deus? Ele é boníssimo, generoso, amável e misericordioso, justíssimo e belo. Deus foi admiravelmente generoso para conosco. Deus é nosso Pai, nosso Salvador, nosso Espírito Santo de amor e de luz.

Realmente amar a Deus apresenta pouca dificuldade.

E amar o próximo? Ah! aqui a coisa é inteiramente outra.

Eu posso amar aqueles que são bons ou simpáticos. Posso gostar muito dos que também gostam de mim. Posso achar atraentes pessoas atraentes, e ser amável para com gente amável, e generoso para com os generosos. Gosto da inteligência das pessoas que me acham inteligente. Sou grato para com os agra-



decidos, e gosto de dar aos que apreciam os meus dons.

Porém estes formam um círculo mais pequeno de pessoas na vida de muitos de nós.

E que dizer dos que me incomodam?

Que dizer dos grosseiros e pouco generosos, dos estúpidos e enfadonhos?

Que dizer dos que aceitam os meus favores sem agradecimentos e que nunca cogitam de me fazer um presente de qualquer espécie?

Que dizer da gente de outras raças e de côr diferente, gente cujas maneiras são rudes e cuja companhia eu acho mesmo repulsiva?

Que dizer dos meus inimigos? Que dizer dos Samaritanos de todas as gerações?

Como sacerdote de Deus, eu talvez esteja numa estranha situação. Tenho uma dupla obrigação. Não devo dar o meu amor a uma só pessoa, mas devo amar cada um. Não posso prender-me a nenhuma família, minha mesma ou de outro; todavia, devo considerar como meus filhos todos aqueles que me chamam "Pai", tanto como aqueles que se

afastam de mim com desconfiança o desgosto.

Devo prezar a santidade onde quer que a ache, e no entanto devo ser bondoso e misericordioso para com os pecadores.

Devo esforçar-me por ter em mim mesmo uma perfeição semelhante à de Cristo, e sempre ser discreto com os imperfeitos onde quer que eles estejam.

Não posso prender-me a ninguém; todavia devo deixar que os pobres e os necessitados, os moços e os vacilantes se prendam a mim.

Devo achar em Deus o meu único arrimo; e, por minha vez, devo ser o arrimo dos que me procuram em busca de auxílio.

Devo amar o meu próximo como a mim mesmo. Na verdade, de certos modos, como sacerdote eu devo amar os filhos de Deus mais do que a mim mesmo.

E' este um difícil mandamento, que conduz a uma vida difícil. Contudo, Cristo espera que eu, seu sacerdote, obedeça a essa lei com a maior aproximação possível da perfeição que ele próprio mostrou.

Assim, sento-me ao confessional enquanto os pecadores despejam as histórias das suas más vidas. Devo esperar pacientemente quando o tagarela repete uma e mais vezes as suas frívolas faltas. Devo escutar sem um sorriso as leves faltas da criança e ouvir, sem recuar, o negro relato de uma vida de crime.

Como sacerdote é de esperar que eu esteja o dia todo a serviço dos filhos de Deus. Nenhum deles é realmente meu; mas todos são dele, e daí estarem todos sob a minha responsabilidade.

Não posso escolher servir somente àqueles de quem gosto; assim não fez Cristo. Os leprosos são meus juntamente com as graciosas mulheres de Betânia e com o sábio Nicodemos. Devo dar tão liberalmente ao ingrato como ao agradecido. Devo gastar longas horas com os escrupulosos e pleitear com os obstinados. Devo ser o mestre dos que têm sede de conhecimento da verdade e dos que riem daquilo que eu digo e ridicularizam os mistérios da revelação de Deus.

Devo ir ao hospital e à cadeia se há ali quem por mim esteja esperando. Devo tomar com o condenado o caminho da morte mesmo se ouço as zombarias das vozes que gritam: "Ele se mancomunou com os publicanos e com os pecadores". Não posso recusar o meu conselho, a absolvição dos pecados ou o meu serviço a ninguém que venha a mim pedindo-os sinceramente. Devo arrastar-me por debaixo do carro escangalhado, entrar no hotel incendiado ou na galeria, cheia de gás, da mina; não posso fugir em tempo de peste, e devo assumir o risco de infecção quando o bem eterno do meu povo estiver em jogo.

Mais uma vez, esta é a razão por que não sou casado.

Como S. Paulo, é de esperar que eu seja todo de todos, tudo para todos.

Nem laços pessoais, nem ligações domésticas, nem obrigações para com uma esposa ou filhos podem interpor-se entre mim e o meu dever para com os filhos de Deus. Não posso recuar por consideração comigo mesmo ou com alguém que me é caro. Cristo morreu por todos, e eu devo viver para todos que necessitam de mim.

Felizmente, a minha vida tem sido cheia de gente admirável.

Tenho conhecido o virtuoso e tenho tido amigos entre os bons. Tenho visto a inocência do jovem e ouvido a sabedoria dos velhos. Tenho sido beneficiado pela generosidade dos bondosos e tenho compartilhado os labores dos zelosos. A minha vida tem sido um longo rei de gente encantadora, de gente boa, santa, de gente que me mostrou nos seus caracteres o que há de melhor.

Contudo, como sacerdote, devo servir a todos, sem cogitação do seu encanto pessoal ou da falta d'êste.

O locutório ou gabinete do sacerdote é a porta estreita por onde passam tôdas as classes e todos os tipos de pessoas.

O confessional conhece santos e pecadores, os rotos e os sujos.

A graça e o perdão de Deus, os Sacramentos de Cristo são para todos, e eu devo levá-los a todos, dá-los a todos.

Não posso conscientemente abrigar desagrado para com os que me desagradam, e eles são ~~assaz~~ numerosos nesta época em que os padres muitas vêzes são suspeitados e odiados. Não posso tomar vingança dos meus inimigos. Devo perdoar-lhes como o fez Cristo.

Pelo correio recebo pelo menos uma boa parte de cartas de gente que me ataca, que ataca a minha Fé, que odeia a minha Igreja, que zomba do meu sacerdócio e me diz que todos os padres são uns patifes. Tenho de responder às cartas d'êles como penso que Deus o faria. E procure fazê-lo.

Não é de supor que eu acumule fortuna pessoal; é de supor que eu pense somente em termos de ganhar o povo para Deus.

Como sacerdote, devo pensar mais altamente do tranqüilo trabalho num confessional desconhecido do que da aplaudida exibição num palco de conferência ou no púlpito.

Deus ama o pecador, e por isto eu devo amá-lo.

Deus quer a sua graça chova sobre todo santo possível, e devem as minhas mãos tomar parte nisso.

Os jovens requerem paciência; uma espécie de paciência diferente da requerida pelos velhos; Deus pede de mim paciência para com ambos.

F' de supor que eu seja o pai dos pobres, o mestre dos ignoran-

tes, o brando corretor dos perversos, o guia dos conturbados, o conselheiro dos angustiados, o médico para os doentes da alma, o firme apoio dos vacilantes e dos tentados.

E sou tudo isso?

Deus me perdoe, mas estou longe de ser o que deveria ser.

Porém, como sacerdote, sei o que Deus espera de mim e o que, com razão, de mim exige o povo. Quando eu falto, bato no peito

com pesar. Quando posso fazer o meu trabalho para o meu povo, é êste o meu privilégio, a minha oportunidade e a minha honra.

Nada humano deve ser alheio a mim.

Nenhum grito deveria escapar aos meus ouvidos.

Tôda mão estendida deveria achar a minha estendida por sua vez com pronta assistência.

"Ele costumava ser sacerdote"

Todo ano um certo número de sacerdotes — notavelmente poucos, considerando-se os milhares de sacerdotes que há no mundo, a despeito das pretensões em contrário — abandonam a prática do seu sacerdócio e, às vezes, a sua Fé.

Freqüentemente são homens infelizes, às voltas com alguma fraqueza. Quer o admitam quer não, eles deixam a prática da sua sagrada profissão com real pesar. Muitas vezes morrem com a graça de Deus no coração e com profundo pesar pela desonra que trouxeram ao sacerdócio.

Há uns que se vêem em dificuldades por causa das suas faltas e do seu mau procedimento, que são lançados fora do seu ofício e constituem as falhas que são achadas em toda profissão que exige alta integridade e fiel cumprimento do dever.

Poucos ouvirão falar dêles. Eles são tragados no silêncio que deliberadamente escolheram. Deus é misericordioso e pode lembrar-se da antiga coragem dêles, da luz brilhante que havia nos seus olhos como sacerdotes novos, e



do amor e lealdade quando eles mostravam.

Todavia, há também ex-sacerdotes profissionais que se fizeram inimigos do sacerdócio.

Dantes eles amavam Igreja. Agora, por um de mil razões, passaram a odiá-la. Dantes defendiam e ensinavam a verdade ensinada pela Igreja

de Cristo. Agora parecem ter leve consideração por essa verdade de em qualquer forma.

Ocasionalmente eles fazem uma vida cômoda caluniando os seus antigos colegas, forjando ficções gigantescas sobre a Igreja, o manifestando as faltas e omissões humanas que ocorrem em qualquer grupo de mortais fracos e pecadores, e fazendo dela o material e o comércio das suas falas públicas e dos livros e folhetos que escrevem.

Alguns sacerdotes simplesmente perdem a sua fé. O próprio S. Paulo pedia aos seus amigos obterem de Deus que, enquanto pregava aos outros, ele próprio não viesse a transviar-se. Só Deus pode julgar da sinceridade dos sacerdotes cuja fé se perdeu.

Alguns, como disse o poeta Francis Thompson, "lêem a lu-

do Evangelho nos olhos de alguma bela mulher". Perdem a fé depois de perderem a sua moral sacerdotal.

E alguns fazem comércio da detração, fazem ciência da calúnia, e fazem um viver melhor do que a média dos outros oferecendo a sua antiga profissão e a sua Igreja rejeitada ao riso e ao ridículo de um auditório atônito, comprazido e ligeiramente mórbido.

Para ser um bom sacerdote e continuar nessa difícil profissão, um homem necessita ser humilde. Deus despreza o soberbo e depõe dos seus lugares os poderosos. Não se pode ser um bom sacerdote se se colocam as próprias aptidões acima dos dons de Deus, e a própria vontade acima da lei de Deus e dos superiores religiosos.

Fato notável é que ministros da Igreja Protestante e Rabinos que vêm do Judaísmo para a Igreja Católica amem a sua nova Fé com profundo afeto, e, no entanto, falem com afeto e consideração das religiões que deixaram. A Igreja Católica não quer que eles odeiem e aviltem aquilo que deixaram; ela acharia que viciosos ataques dêles à moral dos seus antigos colegas seriam uma pobre defesa do viver católico. Todos os católicos decentes se chocariam se êsses convertidos fôssem dizer e escrever sobre as suas antigas Igrejas, ministros ou rabinos, coisas que fôssem porcas mentiras e calúnias obscenas.

Alguns sacerdotes que deixaram a Igreja escreverem livros

atacando os ensinamentos e práticas da Igreja. Esses livros foram lidos e estudados por sacerdotes católicos, e respondidos de forma calma e erudita.

Mas alguns sacerdotes que se separaram da Igreja, e se casaram a despeito do seu voto de não se casarem, fizeram um negócio de torcer, de mentir e de fazer a mais fantástica deturpação daquilo que êles pretendem relembrar da sua vida antiga.

Pessoas indignadas exigem às vezes que a Igreja e o clero façam alguma coisa sobre isso. Mas que resposta há para uma mentira?

Como se podem combater ataques que são pura ficção?

Que defesa há contra o assa:ínio do caráter ou contra a calúnia de uma profissão ou de uma classe inteira de homens?

Dentro da Igreja há mosteiros onde ex-padres podem retirar-se para emendar as suas vidas transviadas. Há um grupo religioso especial de freiras que levam uma vida muito difícil e de penitência, e são chamadas Carmelitas. Dedicam-se à oração e ao amor de Deus, nunca deixam os seus conventos, dormem em leitos de tábuas, nunca comem carne, jejuam rigorosamente quase metade do ano, e levantam-se antes do alvorecer para rezar pelo mundo pelo qual Cristo morreu. Mas, acima de por todos os outros, elas rezam pelos padres caídos.

Oferecem o seu amor da cruz para que o Salvador Crucificado

perdoe esses homens que traíram o seu alto officio.

Jejuam e rezam para que finalmente Deus conceda a eles o perdão e lhes salve as almas.

A Igreja tem conhecido as tremendas injúrias a ela feitas por homens que saem do sacerdócio para denegri-la, e que deixaram o serviço do altar para brandir malhos contra o altar e o tabernáculo. Mas a Igreja finalmente procura e tenta salvar esses sacerdotes decaídos.

Extraordinário número deles no seu leito de morte fazem a sua confissão, arrependem-se das suas vocações perdidas e do mal que fizeram ao Corpo Místico de Cristo, e morrem com outro sacerdote falando de esperança a seu lado.

Até mesmo para Judas Cristo teve palavras de amizade e a implícita oferta de perdão. A Igreja tem sofrido terrivelmente de sacerdotes caídos, que têm sido os seus mais acerbos inimigos, porém ela os ama e se enluta por eles, e se alegra quando, quais ovelhas tresmalhadas, antes que como pastores perdidos, eles voltam ao aprisco do Bom Pastor.

Sempre foi significativo que o ex-padre profissional tenha esse ódio profundo à Igreja Católica. Raramente ele argumenta contra a verdade católica; de pre-

ferência, arremessa coléricos explosivos para bombardeá-la. Raramente arrazoa, mas, antes, violentamente grita acusações, chama nomes, censura a Igreja pelas culpas e pecados de membros individuais, forja um caso inteiro da fraqueza e dos pecados de um único caráter ou de um indivíduo errado.

Você bem pode desconfiar do ex-padre profissional. Duvido de que Benedito Arnold tivesse muito o que dizer a bem da jovem América que outrora ele salvara. Não me inclino a pensar que Judas se houvesse feito um notável defensor de Cristo, a quem traíra de morte. O ex-padre infeliz, fraco, simplesmente pecador, geralmente é um homem silencioso. O padre que apostata por causa de perda da fé é quase respeitoso quando fala daquilo que perdeu.

Mas o homem que por orgulho recusa obedecer, o sacerdote que acha a vida muito dura e exigente, o renegado que faz uma vida infamando as coisas que outrora tinha como sagradas...

Deus lhe perdoe. Também o faz a Igreja. Nós sacerdotes também o fazemos. E, no fim, procuramos por ele de braços estendidos, esperando perdão, e com Cristo na Eucaristia ansioso por ser sua escolta, através da morte, para a Vida recuperada.

“VOCÊ ENCONTROU UM HOMEM FELIZ”

Assim, sou um sacerdote católico. E também sou um homem feliz.

Ninguém me forçou ou me induziu a me fazer sacerdote. Foi a graça de Deus e a minha grandíssima fortuna que tornaram possível o meu sacerdócio. Como sacerdote, sou o herdeiro das idades; porquanto toda nação e raça tem tido o instinto humano e o mandato divino de designar sacerdotes. Eu sou da companhia deles.

Em mim é continuado o sacerdócio judeu, que, de outra maneira, desapareceria da terra.

O meu Sumo Sacerdote, tanto como o Sumo Sacerdote do meu povo, é Cristo o Salvador.

O meu sacerdócio é um cumprimento do seu mandato de fazer como ele fez.

Visto a Igreja considerar importantíssimos os seus sacerdotes, eu tive uma educação excepcional e outras oportunidades.

Na minha vida, procuro estar onde por obrigação devo estar. E' meu esplêndido e gritante dever levar Deus ao povo e o povo a Deus.

Por força do meu ofício, devo amar o Senhor meu Deus com coração e alma e mente e força.

Nesse ofício, devo servir o meu próximo com o espírito e a dedicação de Cristo.

Conheço as minhas limitações humanas e lamento-as.

Mas também conheço as minhas responsabilidades e oportunidades divinas, e elas me tornam humildemente alegre.

Através destas páginas você encontrou um sacerdote católico.

Poderei agora convidá-lo a se encontrar em pessoa com um sacerdote, com o seu sacerdote mais próximo? Ele folgará de conhecê-lo. Talvez você venha a se sentir mais feliz conhecendo-o.



SUMARIO

Alguns pensamentos sôbre os sacerdotes	3
Eles não gostam de padres	7
"Assim me fiz sacerdote"	11
"Mas sômente Cristo é o nosso Sacerdote"	18
Que é que um sacerdote católico faz?	24
Deus realmente vem em primeiro	28
"Todos os filhos de Deus são meus filhos!"	32
"Ele costumava ser sacerdote"	36
"Você encontrou um homem feliz"	39

“Eu sou Sacerdote Católico”

Conteúdo:

- Alguns pensamentos sobre os sacerdotes.
- Eles não gostam de padres.
- “Assim me fiz sacerdote”.
- “Mas somente Cristo é o nosso Sacerdote!”
- Que é que um sacerdote católico faz?
- Deus realmente vem em primeiro.
- “Todos os filhos de Deus são meus filhos!”
- “Ele costumava ser sacerdote”.
- “Você encontrou um homem feliz”.

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica